

# Portugal

**Saudosismo Aniversário de Salazar assinalado com manifestações, almoços e missa**

# Concentração nacionalista em Santa Comba Dão celebrou o 118.º aniversário do nascimento de Salazar e teve apoio da população

**Maria Albuquerque**

● Foi “preso pela Pide e foi anti-salazarista assumido”. Ainda assim, António Santos, de 65 anos, residente em Santa Comba Dão, repete que tem “orgulho” em defender a criação do museu do Estado Novo, na casa onde nasceu Oliveira Salazar, em Vimieiro, há 118 anos. Por isso, ontem, marcou presença no Largo do Município, em Santa Comba Dão, para apoiar a concentração do movimento nacionalista Terra, Identidade e Resistência (TIR) em homenagem ao ex-presidente do Conselho e em defesa do museu projectado pela autarquia local. “Estou convencido que o primeiro-ministro Sócrates é mais ditador em democracia do que Salazar em ditadura”, enfatizou, enquanto exibia dois postais antigos da cidade, com a estátua destruída à bomba, após o 25 de Abril de 1974, por um grupo de elementos ligados à extrema-esquerda, e duas folhas de jornal sobre o concurso de televisão que elegeu Salazar como o maior português de sempre.

A concentração nacionalista - que decorreu sob a vigilância da GNR, que manteve no local um forte dispositivo - reuniu cerca de quatro dezenas de elementos ligados ao TIR e ao PNR e mais de uma centena de populares “de todas as ideologias políticas”. Os manifestantes exibiam bandeiras de Portugal e a bandeira azul e branca da monarquia, além de um cartaz negro, onde se lia: “Construam o museu”.

O delegado do TIR na Região Centro, Vítor Ramalho, defendeu que o museu seja “um local de estudo e de liberdade”, reunindo todo o tipo de documentação relativa ao regime, mesmo a referente à actuação da Pide e à do Tarrafal. “Nós somos pela liberdade de expressão. Portanto, o museu pode e deve incluir todos esses aspectos. Tal como defendo que se quiserem fazer um museu na casa de Álvaro Cunhal se ponham lá os documentos relativos ao tempo do PREC (Processo Revolucionário em Curso)”, justificou. Também António Soares, do TIR, reconheceu que o regime “teve aspectos positivos, outros menos positivos e outros

francamente negativos”, concluindo que, “se existe saudosismo, deve-se apenas aos actuais governantes”.

Lamentando o “clima de histerismo” que se vive em relação à criação do museu, Álvaro Fernandes, do TIR, discursou frente à câmara fazendo votos para que, “33 anos após o golpe de Estado do 25 de Abril, a democracia seja para todos”. “Não é possível que depois de tanto tempo se continue a ter medo da sombra de um homem que está enterrado no Vimieiro. Só queremos preservar a memória histórica de um homem que é considerado por uns como um ditador e por outros um homem providencial”, venceu, num discurso que foi interrompido inúmeras vezes por aplausos e vivas a Salazar dos populares.

## Romaria ao cemitério

Após a concentração, dezenas de manifestantes rumaram ao cemitério do Vimieiro, onde está enterrado Salazar, para lhe prestar homenagem. Entre eles, António Lopes, residente em Lisboa, que já gastou “mais de 1500 contos” em homenagens ao ditador. Entre elas, calendários de bolso com a foto de Salazar (que emite desde 1995), 40 mil panfletos que espalhou por Santa Comba Dão reclamando que lhe fosse reerguida uma estátua, várias pedras de mármore e duas das fotos existentes na campa.



Após a concentração, os manifestantes rumaram ao cemitério do Vimieiro, onde está enterrado Salazar

Para o antigo coronel Agostinho Dias, de Mangualde, que conduziu uma oração em homenagem a Salazar, este foi o “maior estadista português desde D. João II”, pelo que é preciso “desmascarar as pessoas que dizem que foi um fascista, porque não foi”.

Também Anunciação Fonseca, de 82 anos, residente na zona de Coimbra, foi rever a campa do homem de quem “só tem a dizer bem”. “Havia de estar cá hoje! Havia mais respeito”, explicou.



Os discursos foram interrompidos inúmeras vezes para dar vivas a Salazar

SEBASTIÃO AZEVEDA

